

AS INFLUÊNCIAS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NA PROMOÇÃO DAS HABILIDADES SOCIAIS

Ana Maria M. da Silva ¹

Camila Hadassa Tavares Almeida²

Núbia Gonçalves da Paixão Enetério³

Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica

- 1- Estudante concluinte do curso de Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Anápolis UniEVANGÉLICA; email: ammds21@hotmail.com
- 2- Estudante concluinte do curso de Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Anápolis UniEVANGÉLICA; email: camilahtavares@hotmail.com
- 3- Psicóloga e bióloga, mestra em Tecnologias Ambientais e especialista em Neuropsicologia Clínica, professora orientadora do curso de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis UniEVANGÉLICA. Email: nubiapsiambiental@gmail.com

Agradecimentos

Primeiramente, agradecemos ao poder superior, que acreditamos ser Deus, pela conquista de termos chegado até o exato momento. Ao longo de todo esse processo passamos por situações complicadas e desgastantes, porém através d'Ele fomos orientadas e guiadas durante todo o caminho, especialmente nos momentos de vontade de desistência, onde fomos fortalecidas e renovadas. De maneira especial Ele nos capacitou na execução do trabalho de conclusão de curso após os 5 anos de estudo, dedicação e somos imensamente gratas por Seu Amor e cuidado detalhista conosco. Gostaríamos de agradecer aos nossos familiares, em especial aos nossos amáveis e generosos pais, por todo apoio, por tornarem os momentos difíceis mais brandos, por sempre acreditarem e investirem em nós. Também somos gratas aos nossos irmãos pela ajuda e compreensão em todos os momentos, aos nossos noivos pelo companheirismo, amor, força, incentivo e apoio incondicional e aos nossos amigos e colegas pela ajuda na formação acadêmica.

Somos gratas a UniEvangélica por ser um espaço que privilegia o conhecimento e onde todas as ideias são bem recebidas. Reconhecemos e agradecemos a todo o corpo docente pelo esforço gigante com muita paciência e sabedoria, que nos proporcionaram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias. A direção administrativa, pela oportunidade de realizar um curso superior com valores essenciais presentes, a ética, a competência e o cuidado com o próximo repassado pela instituição que são de extrema vanglória a cada estudante.

Agradecemos imensamente ao acolhimento, dedicação, atenção e orientação a nós concedido pela orientadora Mestre Professora Núbia Paixão que, apesar da intensa rotina de sua vida acadêmica, não mediu esforços para nos orientar com excelência neste trabalho. Suas valiosas contribuições dadas durante todo o processo, as quais dedicação e atenção foram essenciais para que este trabalho fosse concluído satisfatoriamente, serão levadas por toda nossa vida como exemplo de cuidado, profissionalismo e empatia para com os seres humanos.

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da nossa formação, nosso sincero muito obrigado!

Resumo

Este trabalho se propõe a verificar e discutir as relações e influências existentes entre a Terapia Assistida por Animais no desenvolvimento e promoção das habilidades sociais humanas. De modo a ser atingido o objetivo dessa pesquisa, foram utilizadas revisão bibliográfica e levantamento de referências teóricas já analisadas. Os resultados apontam que a relação, entre os seres humanos e os animais, vivenciada na Terapia Assistida por Animais é extremamente benéfica no que se diz respeito às habilidades sociais e ainda influencia em outros aspectos e âmbitos importantes da vida dos indivíduos, sendo eles casos clínicos ou não. Conclui-se, que as interações que ocorrem durante a TAA podem influenciar diretamente no aprimoramento da qualidade de vida humana, além de estimular o aumento e a aptidão nas habilidades sociais humanas.

Palavras chaves: terapia assistida; animais; habilidades sociais.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAT Animal Assisted Therapy

TAA Terapia Assistida por

Animais HS Habilidades Sociais

OMS Organização Mundial da Saúde

IAA Intervenção Assistida por Animais

AAA Atividades Assistidas por Animais

EAA Educação Assistida por Animais

INTRODUÇÃO

Desde o início da civilização, humanos e animais têm uma estreita relação estabelecida por questões de sobrevivência, a partir do instante em que animais se tornaram fontes de alimentos. Atualmente, alguns animais são vistos por muitos humanos como parte integrante da família, sinônimo de amor e carinho. Com o tempo, verificou-se, a eficácia e a importância da socialização de animais e humanos, auxiliando até mesmo no processo de cura. Durante os séculos XVIII e XIX, era possível encontrar várias espécies de animais, tais como gatos, cães e pássaros em várias instituições de saúde na Inglaterra (Serpell, 2010).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) é conhecida, oficialmente, pelo mundo como *Animal Assisted Therapy* (AAT). É a introdução de um novo elemento, o animal, na terapia já existente complementando as abordagens (Carminati, Lehotkay, Martin, & Carminati, 2013). Esta técnica não se baseia somente na presença física do animal no espaço terapêutico, mas sim em um trabalho baseado na tríade terapeuta-animal-paciente, tornando o animal parte integrante do processo terapêutico. A TAA visa a melhora da saúde física e mental da pessoa e sua qualidade de vida (Carminati et al., 2013), bem como um aglomerado de melhora nas suas funções cognitivas, sociais e emocionais (González-Ramírez, Ortiz-Jiménez, & Landero-Hernández, 2013).

As Habilidades Sociais (HS) são comportamentos, sentimentos e atitudes que auxiliam com a iniciação e manutenção de relacionamento positivo entre pares, (Gresham, 2009). São alguns comportamentos que torna o indivíduo socialmente habilidoso, como civilidade, empatia, assertividade, autocontrole e envolvimento nas relações interpessoais (Del Prette & Del Prette, 2008; Sklad, Diekstra, Ritter, Bem & Gravesteijn, 2012) em contextos sociais, demonstração de opinião, solicitação de apoio, cumprimentar pessoas, fazer elogios ou críticas, dentre outros (Del Prette & Del Prette, 2006).

Faz-se, portanto, relevante estudar a relação encontrada na utilização da terapia assistida por animais e as habilidades sociais, seus benefícios, suas aplicabilidades no cotidiano e desenvolvimentos na vida humana e animal, na qual o terapeuta pode ser uma ponte de apoio para utilização destas técnicas, de forma teórica e prática.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho é verificar a influência da Terapia Assistida por Animais na promoção das habilidades sociais. Dar-se-á pautado em estudos, pesquisas, resenhas e artigos que discorram sobre o assunto, com o foco na promoção das habilidades sociais e nas relações teóricas e aplicacionais, de forma a transmitir melhorias ao

paciente e facilidades no manejo do atendimento clínico e hospitalar, utilizando-se da TAA como instrumento.

O presente artigo propõe, também, conhecer os aspectos teóricos relacionados a TAA, descrever as habilidades sociais desenvolvidas ao longo da vida e relacionar os aspectos da TAA e das habilidades sociais desenvolvidas, apontando os benefícios da TAA na promoção das HS. Com o atingimento dos objetivos desta pesquisa, ainda poderá ser ressaltada a importância desta técnica na qualidade de vida.

Este trabalho é dividido em três capítulos, precedidos por essa introdução. O primeiro capítulo traz o histórico, trabalhos desenvolvidos pela terapia assistida por animais, seus campos de ação e benefícios. No segundo capítulo, descreve-se a parte designada as habilidades sociais. Ao longo do texto há a conceituação, histórico de estudo, caracterização, descrição de sua representação e importância na vida humana. Por fim, o terceiro apresenta-se como a junção dos dois primeiros capítulos, relacionando e mostrando as influências dos tópicos conectados, o que pode trazer a possibilidade da promoção e melhora de vida para os indivíduos.

Diante do exposto, faz-se necessário a descrição minuciosa dos tópicos relacionados: terapia assistida por animais e habilidades sociais. Ambos são assuntos complexos e de relevantes informações e atualizações. O presente texto consolidou-se em explicar cada tópico de forma detalhada, desde o conceito, histórico até as formas de atuações, com a intenção de mostrar a importância de cada um deles e de forma superior os benefícios que existem quando há a interação entre os mesmos.

MÉTODOS

O presente elaborado trata-se de uma pesquisa teórica descritiva, já que tem como intuito registrar e descrever os fatores observados sem interferência. O mesmo descreve e conceitua as habilidades sociais humanas, a TAA e a relação de influência que as interligam. É de intuito geral caracterizar uma determinada população ou fenômeno e estabelecer uma relação entre as variáveis. Esse trabalho caracteriza-se pelo caráter básico, não apresentando finalidade imediata e produzindo conhecimento a ser utilizado em outras pesquisas.

Os dados e pesquisas estão expostos pela abordagem qualitativa, a qual preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e

atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada, inicialmente, em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a psicologia e a educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (Minayo, 2001, p. 14).

Por fim, o trabalho exposto é determinado como pesquisa bibliográfica, já que o tema é recente, necessitando de contato com as publicações já existentes. A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

A Terapia Assistida por Animais

A TAA consiste em intervenções desenvolvidas com o auxílio de um animal no processo terapêutico. Ela possui objetivos claros e definidos, podendo ser utilizada na promoção da saúde física e mental, bem como na estimulação das funções cognitivas do paciente. Na TAA, o indivíduo beneficia-se do vínculo resultante da relação humano-animal, em formatos ou arranjos terapêuticos que podem ser individuais ou grupais (Domènec e Ristol, 2012; Dotti, 2005). Os animais que podem ser utilizados na TAA são inúmeros, desde caracol até elefantes (Burton, 2013).

Estão disponíveis estudos científicos investigando os efeitos da terapia com golfinhos, botos, cavalos, animais de fazenda e os pets. O uso dos pets, que são definidos, como cães, gatos, pássaros, ratos e coelhos, na TAA são os que possuem um maior número de estudos científicos investigando sua eficácia (Kamioka et al., 2014).

O primeiro artigo científico publicado sobre a TAA com uso dos pets é de Levinson (1962), considerado o pai dessa prática. Nesse trabalho, o autor relata um atendimento psicológico com a ajuda de um cão e seus resultados benéficos, como melhor vinculação e adesão ao tratamento, para o processo terapêutico. Depois desse estudo, o uso dos pets com

finalidade terapêutica passou a ser pesquisado por outros autores, em diferentes países e em diversas fases do ciclo vital (Chandler, 2011).

Há muito tempo, se discute sobre a importância dos animais na influência da mudança do comportamento humano, remontando ao século XVII, onde surgiram os primeiros relatos. Primeiramente, a figura do animal surge nos quintais e, ao passar do tempo, eles chegam até dentro de casa, como animais de estimação (Dotti, 2014).

Foi em uma instituição inglesa, em 1792, que a relação homem x animal passou a ter um objetivo terapêutico, sendo que o público alvo da instituição eram pessoas com deficiência mental. Mais tarde, na Alemanha, em 1867, a mesma técnica foi utilizada, onde salientou a interação de animais com os pacientes psiquiátricos. (Crippa; Isidoro; Feijó, 2014).

No Brasil, os primeiros relatos de intervenções com animais surgem na década de 1950, com a Dra. Nise da Silveira, psiquiatra e discípula de Carl Gustav Jung, que utilizou cães e gatos com objetivos terapêuticos, no Rio de Janeiro, em hospital psiquiátrico. A prática da utilização de animais pela Dra. Nise da Silveira foi adotada, pois a médica era contra os métodos agressivos utilizados no tratamento daquela época, como: confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoques e lobotomia. Neste estudo, Dra. Nise percebeu a facilidade com que os esquizofrênicos lidavam com os cães (Rocha, 2015).

Porém, como sugere Almeida (2014), Nise encontrou algumas dificuldades na implantação da TAA no Centro Psiquiátrico onde trabalhava, pois, a maioria dos funcionários se manifestava contra esse tipo de tratamento, onde o maior medo desses profissionais eram as possíveis doenças que os animais podiam trazer a estes pacientes. Ainda no Brasil, nos anos 60, foram utilizados animais para tratamento com crianças, pelo Dr. Boris Levinson (Giumielli e Santos apud Vivaldini, 2016). Ele como Nise também era discípulo de Jung; em 1962 Boris publicou o artigo “The dog as a co-therapist” (O cachorro como um coterapeuta), sendo um dos primeiros resultados publicados sobre o uso de animais na prática psicológica.

Segundo Dotti (2014), a TAA pode ser desenvolvida em grupos ou individualmente. O autor ainda sugere que a TAA é capaz de causar felicidade e momentos de descontração, diminuindo o cortisol, que é o hormônio do stress.

Vale salientar que os animais utilizados na AAA e TAA são treinados, desvermifugados, vacinados e limpos com 24h de antecedência, sempre acompanhados de

cuidadores. Tantos cuidados são necessários visando à integridade da saúde do paciente e do coterapeuta animal (Crippa et al. 2015).

Algumas dessas TAA são classificadas com nomes específicos conforme o animal utilizado, como cinoterapia, equoterapia e delfinoterapia. A Cinoterapia é a terapia que utiliza os cães como coterapeutas, esta é uma das TAA mais utilizadas, como sugere Ferreira (2012), o cão neste caso é usado como recurso de estimulação dos órgãos sensoriais (tato, visão, audição, olfato), pode ser utilizado também como instrumento na motricidade e ou reeducação motora. A Equoterapia é definida como um método terapêutico com foco educacional, onde utiliza o cavalo inserido em uma abordagem interdisciplinar, principalmente nas áreas da saúde e educação, é uma terapia bastante utilizada com pessoas portadoras de necessidades especiais (Souza e Silva apud Silva e Aguiar, 2015). A Delfinoterapia é uma técnica que utiliza golfinhos como coterapeutas, conforme Dotti (2014), ter o contato e nadar com estes animais é algo que sensibiliza a maioria dos pacientes, devido à inteligência dos golfinhos e pela capacidade de redução do estresse em contato com água. Porém, este tratamento pode custar muito caro, e não é tão acessível, devido aos cuidados especiais que devem ser mantidos com o golfinho. É questionável também por não ser realizada somente por profissionais da saúde.

Ao longo das últimas décadas, inúmeros estudos têm vindo a comprovar que a interação com animais de estimação contribui para o aumento da saúde, bem-estar psicossocial e recuperação de doenças graves. Walsh (2009) refere, também, que a interação com animais de estimação pode potenciar o aumento do número de neurotransmissores associados ao relaxamento, melhora o funcionamento do sistema imunológico e tem efeitos benéficos em diversas problemáticas desde Perturbações de Desenvolvimento e nas perturbações mentais, tais como Esquizofrenia, Depressão, Ansiedade e Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção.

No estudo, conduzido por Grandgeorge e colaboradores (2012), foi demonstrado, através do relato dos pais, que a aquisição de um animal de estimação provoca o aumento dos comportamentos pró-sociais e a redução da ansiedade nas crianças com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA).

Nos Estados Unidos da América, surge a primeira experiência de Terapias Assistidas por Animais (TAA) no Army Air Force Convalescent Center, entre 1944 e 1945, onde os animais eram introduzidos como terapeutas para melhorar a qualidade de vida dos doentes e dos seus familiares durante a Segunda Guerra Mundial. Já em 1952, Levinson constatou que

um dos seus pacientes, uma criança tímida e pouco comunicativa, interagiu com o seu cão que se encontrava no consultório por mera casualidade. Constatando os efeitos que o seu cão provocou na criança, Levinson começou a utilizá-lo como intermediário no processo psicoterapêutico da criança, com o objetivo de desenvolver a confiança e a comunicação desta e, assim, potenciar os efeitos benéficos da terapia. No entanto, foi apenas no ano de 1969 que Levinson utilizou pela primeira vez o termo “Animais de Terapia”, tendo sido o primeiro a detalhar e documentar os benefícios terapêuticos que advêm do contato com animais, sendo, assim, considerado por muitos como o pai da Terapia Assistida por Animais (TAA) (Martinez, 2008).

Dentro das Intervenções Assistidas por Animais(IAA) existem três modalidades: as Atividades Assistidas por Animais (AAA), a Educação Assistida por Animais (EAA) e a Terapia Assistidas por Animais (TAA) (Pet Partners, s.d.).

As Atividades Assistidas por Animais (AAA) são de caráter lúdico e têm como objetivo a melhoria da qualidade e o aumento do bem-estar dos indivíduos, tendo por base os benefícios da relação homem-animal, num caráter mais informal, sendo dirigidas por um profissional treinado e/ou por voluntários (Pet Partners, s.d.). O objetivo principal é proporcionar companhia, afeto e motivação para enfrentar as dificuldades diárias, bem como o enriquecimento do cotidiano de quem está internado ou a viver numa instituição (Davis et al., 2015).

A Educação Assistida por Animais (EAA) é uma intervenção orientada, estruturada, planeada e diretamente ligada à educação, sendo dirigida por um professor ou pedagogo. As atividades desenvolvidas têm como objetivo o desenvolvimento de competências acadêmicas e sociais, bem como do funcionamento cognitivo, sendo o progresso do aluno avaliado e documentado (Ichitani & Cunha, 2016).

A Terapia Assistida por Animais (TAA), enquanto parte do processo terapêutico, é uma abordagem que tem suscitado muita curiosidade entre os psicoterapeutas e cujo uso tem aumentado significativamente nos últimos tempos (Kruger, Trachtenberg, & Serpell, 2004). Não sendo esta, num sentido restrito, uma nova técnica, mas sim a introdução de um novo elemento – o animal – no contexto das terapias existentes, a TAA é considerada, por muitos, como uma terapia complementar às terapias já existentes (Carminati, Lehotkay, Martin, & Carminati, 2013). Esta técnica se baseia trabalhar na tríade terapeuta-animal-paciente, tornando-se o animal parte integrante do processo terapêutico.

Tendo por base a capacidade de vinculação entre o ser humano e o animal, a TAA pode ser definida como a utilização de animais, devidamente treinados e avaliados, através da ligação humano-animal em intervenções com objetivos direcionados, como parte integrante de um processo psicoterapêutico (Chandler, 2012). Visa melhorar a saúde física e mental de uma pessoa e a sua qualidade de vida (Carminati et al., 2013), bem como incrementar a sua função cognitiva, social e emocional (González-Ramírez, Ortiz-Jiménez, & Landero- Hernández, 2013).

Não existe apenas uma modalidade de TAA, podendo variar numa série de aspetos, nomeadamente no que diz respeito ao animal utilizado (e.g., cão, cavalo, golfinho), ao local onde é realizada (e.g., em regime de internamento ou de ambulatório, no exterior ou na instituição médica), à duração da intervenção (e.g. a curto ou a longo prazo) e ao formato (grupal ou individual) (Nimer & Lundahl, 2007).

A TAA debruçam-se sobretudo sobre os benefícios em situações clínicas, como são os casos da Perturbação do Stress Pós-Traumático (PSPT), Perturbação de Personalidade Borderline, ansiedade em crianças e adultos, solidão e depressão, perturbações emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes, Perturbação de Hiperatividade, Deficit de Atenção, Perturbações de Aprendizagem e PEA (Carminati et al., 2013)

Na terapia assistida por animais, a interação com os mesmos ajuda as pessoas a modificarem as suas experiências sociais e cognitivas, permitindo-lhes aumentar a sua autoestima e ter uma percepção da sua vida mais positiva e otimista. É também referido que o amor incondicional, a atenção, o companheirismo e o afeto de um animal aumenta a autoconfiança e o autocontrole, aumentando os níveis da saúde psicológica (Tedeschi, Fine, & Helgeson, 2010).

Friedman, Thomas e Eddy (2000), num estudo conduzido com crianças, concluíram também que a presença de um cão calmo e atencioso aparentemente modera a resposta de stress mais do que a presença de um adulto e ainda mais do que a presença de um amigo, quando as crianças estão em situações encaradas como geradoras de stress, tais como ler alto ou ter um exame médico de rotina.

Um estudo similar foi conduzido por Lange, Cox, Bernert e Jenkins (2006/2007), que constataram que os adolescentes presentes num programa de controle da raiva com TAA

evidenciavam que os cães tinham um efeito calmante, promoviam o humor e aumentavam o sentimento de segurança e a motivação para participar no grupo.

No caso de doentes com graves perturbações psiquiátricas, outro aspeto que pode induzir uma melhoria inicial do seu estado é a imagem social melhorada percebida por estes. Cuidar de um animal pode desenvolver um sentimento de responsabilidade, o que promove a autonomia. Por sua vez, a pessoa deixa de ser apenas a pessoa assistida e passa a ser a pessoa responsável pelo animal, o que potencializa um aumento da sua autoestima (Carminati et al., 2013). Não só ao nível psicológico são visíveis os efeitos benéficos do contato com um animal, mostrando-se estes também eficientes ao nível fisiológico. O efeito tranquilizador da presença do animal foi verificado em diversos estudos, que constataam que acariciar um cão reduz a pressão sanguínea e o ritmo cardíaco (Friedmann, Katcher, Thomas, Lynch e Messent, 1983, citado em Martínez, 2008).

Por sua vez, Cole e Gawlinski (2000, citado em Ichitani & Cunha, 2016) verificaram que alguns dos sujeitos da população em estudo relataram uma diminuição na sensação de dor auto reportada após a TAA. Esta melhoria foi também observada nos indicadores fisiológicos da dor como, por exemplo, diminuição da frequência cardíaca, pressão arterial, temperatura corporal, respiração e constrição pupilar, o que sugere relaxamento.

Uma das primeiras teorias tida como possível de explicar os efeitos benéficos da IAA é a teoria do apoio social (McNicholas & Collis, 1995). Como explicado pelos autores, o conceito de apoio social está estabelecido em psicologia como um mecanismo que permite explicar, em parte, a variabilidade das respostas humanas a eventos estressantes, verificando-se que as pessoas que têm relações de apoio fortes com os outros e a quem podem recorrer em momentos críticos mostram-se mais capazes de lidar com estes momentos. Além disso, está provado que as relações de apoio aumentam a recuperação de doenças físicas, tais como acidentes vasculares cerebrais, enfarte do miocárdio e cancro e também atuam como um fator protetor contra alguns dos problemas de saúde mental e reações físicas a eventos adversos, como um luto.

Assim, e uma vez que se descobriu que ter um animal de estimação estava associado à recuperação ou diminuição do risco de doenças cardiovasculares e do nível de stress decorrente de um processo de luto, torna-se plausível colocar como hipótese que existam fortes funções de apoio derivadas da relação pessoa-animal. Os autores referem também que grande parte das descrições relativas aos benefícios de ter um animal de estimação têm uma grande

semelhança com as definições aceitas dos efeitos do apoio social percebido (e.g. a crença de que se é cuidado, amado, estimado e valorizado), e até porventura mais incondicional do que por parte de outros humanos, o que reforça a necessidade de investigação dos efeitos das relações pessoa-animal e os seus benefícios para a saúde física e psicológica à luz das teorias do apoio social.

Por sua vez, Busch e colaboradores (2016) postulam que a hipótese mais comumente colocada para explicar a eficácia da IAA é a hipótese da biofilia levantada por Wilson (1984, citado em Busch et al., 2016), segundo a qual os seres humanos têm uma predisposição inata para serem atraídos por outros organismos vivos, como os animais, considerando-os como sinais ambientais, tanto de segurança como de perigo.

Busch e colaboradores (2016) sugeriram também o modelo biopsicossocial da saúde (Lindau, Laumann, Levinson, & Waite, 2003, citado em Busch et al., 2016) como possível de explicar o efeito calmante, socializante e motivacional proporcionado pelos animais, na medida em que consideram este modelo uma extensão da hipótese de biofilia e das teorias de apoio social. Este modelo pressupõe uma combinação de fatores psicológicos, biológicos e sociais, interligados e mutuamente influenciadores, sendo que a alteração num destes fatores afeta também os outros. Ou seja, uma mudança fisiológica positiva em resposta à IAA está comumente relacionada com o reforço social e o bem-estar psicológico, nomeadamente na redução da ansiedade e do estresse comportamental (Busch et al., 2016).

Uma outra hipótese alternativa para explicar os efeitos benéficos da IAA é a hipótese dos animais poderem ser considerados figuras de vinculação (Busch et al., 2016), pois segundo a teoria da vinculação de Bowlby (1969, citado em Busch et al., 2016), o comportamento de associação destina-se à obtenção de apoio e segurança, sendo a figura de relação considerada uma fonte de conforto e segurança, capaz de reduzir o stress. Efetivamente, tem sido observado que estas sensações podem ser providenciadas pela presença de um cão, por exemplo.

Busch e colaboradores (2016) referem, também, a importância que vários estudos têm dado ao papel da oxitocina na potencialização dos efeitos da TAA, pois esta, sendo uma hormona reguladora de várias funções fisiológicas, psicológicas e comportamentais, reduz a frequência cardíaca, a pressão arterial e o nível de cortisol – considerado a “hormona do stress” – melhora o humor e promove interações sociais, ao diminuir a depressão e a ansiedade.

A presença de perturbações psiquiátricas severas é considerada um dos principais obstáculos para a integração social e adaptação em instituições socioeducativas, sendo, por isso, um objetivo terapêutico primário melhorar o comportamento social. Contudo, neste tipo de perturbações, muitas vezes a comunicação verbal está afetada, limitada ou ausente. Por esse motivo, as intervenções psicoterapêuticas convencionais tornam-se, frequentemente, insuficientes ao promover apenas melhorias limitadas nos indivíduos, podendo a TAA desempenhar um papel crucial no aumento da qualidade de vida dos pacientes. (Carminati et al., 2013).

Num estudo conduzido por Silva, Correia, Lima, Magalhães e Sousa (2011), em Portugal, com uma criança com PEA, foi possível observar resultados similares ao estudo de Redeker & Goodman (1989), tendo-se constatado que a frequência e a duração dos comportamentos agressivos físicos em direção a objetos inanimados, o comportamento agressivo verbal em direção ao terapeuta, o comportamento de agarrar, a introspecção, a frequência e duração do olhar obsessivo foram significativamente menores nas sessões com o cão de terapia face às sessões sem o cão. Paralelamente, foi possível observar um aumento das interações sociais positivas, nomeadamente ao nível da frequência e duração do contacto visual, do sorriso e do comportamento afetivo.

A TAA permite, por conseguinte, que uma pessoa com défices comunicacionais e que está focada apenas em si mesmo preste mais atenção ao ambiente que a rodeia, reduzindo os comportamentos indesejáveis, tais como movimentos estereotipados, ao mesmo tempo que aumenta o comportamento social adequado (Carminati et al., 2013)

Sendo o cão um potenciador de estímulos multissensoriais, é possível que este promova o aumento do nível de estimulação sensorial e afetiva das pessoas com perturbações psiquiátricas, ao permitir-lhes dominar gradualmente o contacto físico, atuando como um mediador entre a rejeição da interação social e da aceitação das relações interpessoais (Carminati et al., 2013).

A aliança terapêutica é aceita, atualmente, como sendo um dos fatores mais importantes, se não o mais relevante, no processo de psicoterapia (Safran & Muran, 2000).

Segundo Pavlides (2008), uma pessoa, no geral, tende a ser percebida como mais simpática quando está acompanhada por um cão do que quando está sozinha. Então, podemos colocar como hipótese que o psicoterapeuta, quando acompanhado por um cão, pode ser

encarado como menos ameaçador pelo paciente, principalmente no caso de pessoas que estão relutantes face ao processo psicoterapêutico.

Também Walsh (2009) considera que a presença de animais nas sessões psicoterapêuticas facilita a exploração e a consciência de sentimentos. Segurar e acariciar um animal é calmante e reconfortante quando problemas ameaçadores ou sentimentos muito negativos surgem, reduzindo a ansiedade e aumentando o conforto com o processo terapêutico, o que facilita a mudança positiva.

Como observado por Parish-Plass e Oren (2013), na Psicoterapia Assistida por Animais, potenciais relacionamentos existem simultaneamente; assim, a inclusão dos animais na terapia expande este princípio, promovendo oportunidades no “aqui e agora” para o processamento de questões relacionais do passado, identificar e trabalhar padrões relacionais subjacentes e modelos internos e oferecer alternativas adaptativas. Assim, o animal pode atuar como um objeto transacional de suporte à terapia (Lehotkay, 2002, citado em Carminati et al, 2013).

A aliança terapêutica é aceita, atualmente, como sendo um dos fatores mais importantes, se não o mais relevante, no processo de psicoterapia (Safran & Muran, 2000).

Segundo Pavlides (2008), uma pessoa, no geral, tende a ser percebida como mais simpática quando está acompanhada por um cão do que quando está sozinha. Então, podemos colocar como hipótese que o psicoterapeuta, quando acompanhado por um cão, pode ser encarado como menos ameaçador pelo paciente, principalmente no caso de pessoas que estão relutantes face ao processo psicoterapêutico.

Também Walsh (2009) considera que a presença de animais nas sessões psicoterapêuticas facilita a exploração e a consciência de sentimentos. Segurar e acariciar um animal é calmante e reconfortante quando problemas ameaçadores ou sentimentos muito negativos surgem, reduzindo a ansiedade e aumentando o conforto com o processo terapêutico, o que facilita a mudança positiva.

Como observado por Parish-Plass e Oren (2013), na Psicoterapia Assistida por Animais, potenciais relacionamentos existem simultaneamente; assim, a inclusão dos animais na terapia expande este princípio, promovendo oportunidades no “aqui e agora” para o processamento de questões relacionais do passado, identificar e trabalhar padrões relacionais subjacentes e modelos internos e oferecer alternativas adaptativas. Assim, o animal pode atuar

como um objeto transacional de suporte à terapia (Lehotkay, 2002, citado em Carminati et al, 2013).

Verifica-se uma carência de investigação científica, em particular ao nível nacional, no âmbito das Intervenções Assistidas por Animais (IAA), e cada vez maior a necessidade de compreender de que modo a presença de animais no contexto da terapia pode desempenhar um papel importante de proteção face ao risco e de promoção de resiliência junto a diversas populações em situação de risco ou vulnerabilidade, explorando as narrativas de profissionais, maioritariamente da área de psicologia, que recorrem aos mesmos como ferramenta importante ou, até, principal das suas intervenções.

Especialistas têm considerado que a utilização do estímulo sensorial do tato com a presença e interação dos animais, pode recuperar a autoestima e a sensibilidade além da reintegração à sociedade por meio da melhora do contato social que o animal permite. A TAA traz consigo um aspecto importante de humanização, pois pode descontraír o clima tenso do ambiente hospitalar, melhorar as relações interpessoais e facilitar a comunicação entre pacientes e equipe de saúde. É indicada para auxiliar nas diversas situações clínicas, pois proporciona benefícios emocionais e espirituais para pacientes.

Destacam-se ainda os benefícios específicos obtidos como aperfeiçoar as habilidades motoras finas; o equilíbrio de sustentar-se; melhorar adesão ao tratamento; aumentar a interação verbal entre os membros do grupo; melhorar habilidades de atenção; desenvolver recreações e lazer; aumentar a autoestima; reduzir a ansiedade; a solidão; aperfeiçoar o conhecimento dos conceitos de tamanho e cor; melhorar a interação com a equipe de saúde e a motivação para o envolvimento em atividades em grupo.

O cão é o principal animal, pois apresenta uma afeição natural pelas pessoas, é adestrado facilmente, cria respostas positivas ao toque e possui uma grande aceitação por parte das pessoas. Estudos demonstram que animais que podem ser tocados resulta numa terapia mais efetiva. Relatos referentes a algumas patologias mostram que esta interação cão-paciente melhora o padrão cardiovascular, diminuindo a pressão arterial e os níveis de colesterol. Tal interação também produz o aumento da concentração plasmática de α -endorfinas, ocitocinas, prolactina, dopamina e diminui a concentração plasmática de cortisol, substâncias que atuam positivamente no estado de ansiedade.

A TAA com o uso de pets vem ao encontro da necessidade de se desenvolver estratégias terapêuticas não medicamentosas, que forneçam aos profissionais da área da saúde outras possibilidades terapêuticas (Johnson et al., 2003; Urbanski e Lazenby, 2012). Contudo, é imprescindível que as potencialidades e as limitações da TAA com o uso de pets sejam avaliadas cientificamente, a fim de validar sua utilização e regulamentação.

As premissas da TAA explicam que o contato com animais influencia positivamente na qualidade de vida das pessoas, oferecendo uma via para o tratamento de doenças. No trabalho com idosos, a TAA apresenta relatos científicos sobre seus efeitos terapêuticos, como no maior envolvimento em atividades e melhora no humor (Chandler, 2011; Domènec e Ristol, 2012)

Segundo o Grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL Group, 1994), a qualidade de vida é definida como a percepção do indivíduo sobre sua situação na vida, dentro do contexto de uma cultura, envolvendo tanto aspectos positivos quanto negativos, em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. A definição terminológica de qualidade de vida é ampla e multidimensional, normalmente, contempla aspectos relacionados ao bem-estar pessoal, autoestima e percepção subjetiva das condições em que o sujeito se encontra. Para avaliação da qualidade de vida existem diversos instrumentos disponíveis, sendo o mais utilizado o World Health Organization Quality of Life (WHOQOL), existindo uma versão específica para idosos o World Health Organization Quality of Life – Old (WHOQOL-OLD) (Kessler, 2015).

Os pets funcionam como um instrumento de trabalho para o terapeuta, facilitando aumentos nos níveis de interação social dos idosos, pois eles reagem positiva ou negativamente de acordo com os estímulos que lhe são apresentados. Suas reações imediatas aos estímulos agradáveis ou desagradáveis funcionam como modelagem para os comportamentos do paciente (Fine, 2010). Assim, pode-se inferir que a estimulação e a modelagem decorrente da interação com os animais são responsáveis pelo aumento da qualidade de vida dos idosos.

Os efeitos benéficos produzidos pela TAA ainda podem ser explicados pela ativação comportamental e fisiológica. Nesse contexto, utiliza-se de estímulos externos ao paciente a fim de incitá-lo em direção à mudança (Wright et al., 2010). Assim, o terapeuta pode utilizar os pets para realizar esse movimento, pois o animal funciona como um facilitador do processo terapêutico, tornando a figura do terapeuta menos ameaçadora (Fine, 2010). O terapeuta torna o espaço terapêutico mais propício a mudanças de comportamentos (Sellers, 2006).

Um outro aspecto importante apontado por um dos estudos é o cuidado com o bem-estar do animal (Berry et al., 2012). A saúde dele deve ser avaliada por um médico veterinário que se responsabilize por suas condições físicas. No decorrer da TAA o animal pode demonstrar sinais de cansaço, estresse e *calming signals* (sinais de apaziguamento) que devem ser conhecidos e respeitados pelo terapeuta, levando-o a pensar sobre continuar ou não com a prática. Por fim, é importante salientar que o animal utilizado na TAA deve ser selecionado, treinado e capacitado para esse fim (Rugaas, 2006; Davis, 2002).

Os recursos da TAA podem ser direcionados a pessoas de diferentes faixas etárias, instituições penais, hospitais, casas de saúde, escolas e clínicas de recuperação. É fundamental o trabalho de uma equipe multidisciplinar capaz de escolher o método mais adequado a ser aplicado, acompanhando as atividades e o bem-estar dos animais e dos pacientes, que irá refletir no benefício real da qualidade de vida dos mesmos (San Joaquín, 2002).

Habilidades Sociais

Muitas são as definições de habilidades sociais (HS) encontradas na literatura, tais habilidades dizem respeito a comportamentos necessários a uma relação interpessoal bem-sucedida, conforme parâmetros típicos de cada contexto e cultura (Caballo, 2003; Falcone, 2002; Murta, 2005). De acordo com Caballo (1996, 2010) e Del Prette & Del Prette (2005), esses comportamentos ainda devem colaborar para a resolução de problemas imediatos em uma dada situação e reduzir a probabilidade de ocorrência de problemas futuros, contribuindo para a manutenção de um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas. Portanto, para definir as HS, deve-se levar em consideração tanto o conteúdo quanto as consequências dos comportamentos interpessoais.

Conforme Del Prette & Del Prette (2005), as HS contribuem para a competência social. Para esses autores, a competência social tem um sentido avaliativo e está relacionada à capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as demais pessoas.

Segundo Falcão (2014), as HS são mantidas por suas consequências. Dessa forma, quanto mais socialmente habilidoso for o indivíduo, maior a probabilidade de obter reforçadores. Bolsoni-Silva e Carrara (2010) ressaltam que as HS são funcionalmente concorrentes aos problemas de comportamento, ou seja, são as consequências do

comportamento que aumentam ou diminuem a probabilidade deste voltar a ocorrer e, quando duas topografias de comportamento possuem a mesma função, eles se tornam concorrentes.

Cia e Barham (2009) ressaltam que um repertório de HS pobre, principalmente em termos de empatia, expressão de sentimentos e resolução de problemas, parece estar associado a dificuldades interpessoais, envolvendo problemas de comportamento.

Segundo Del Prette & Del Prette (1999), as habilidades sociais podem ser caracterizadas como conjunto de comportamentos emitidos pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal na qual se maximizem os ganhos e se reduzam as perdas para as pessoas envolvidas numa interação social.

Del Prette & Del Prette (1999) concordam que assertividade envolveria a expressão apropriada de sentimentos negativos e a defesa dos próprios direitos, e que uma pessoa socialmente habilidosa também deveria apresentar habilidades de comunicação, de resolução de problemas interpessoais, de cooperação e de desempenhos nas atividades profissionais.

A taxonomia das habilidades sociais é ampliada pelos mesmos autores (2001), que as organizaram em categorias: (a) habilidades sociais de comunicação: fazer e responder às perguntas; gratificar e elogiar; pedir e dar feedback nas relações sociais; iniciar, manter e encerrar conversação; (b) habilidades sociais de civilidade: dizer por favor; agradecer; apresentar-se; cumprimentar; despedir-se; (c) habilidades sociais assertivas de enfrentamento: manifestar opinião, concordar, discordar; fazer, aceitar e recusar pedidos; desculpar-se e admitir falhas; estabelecer relacionamento afetivo/sexual; encerrar relacionamento; expressar raiva e pedir mudança de comportamento; interagir com autoridades; lidar com críticas; (d) habilidades sociais empáticas: parafrasear, refletir sentimentos e expressar apoio; (e) habilidades sociais de trabalho: coordenar grupo; falar em público; resolver problemas, tomar decisões e mediar conflitos; habilidades sociais educativas; e (f) habilidades sociais de expressão de sentimento positivo: fazer amizade; expressar solidariedade e cultivar o amor.

Caballo (1996) apresenta uma definição que explicita um maior número de habilidades, afirmando que comportamento socialmente habilidoso ou mais adequado refere-se à expressão, pelo indivíduo, de atitudes, sentimentos, opiniões, desejos, respeitando a si próprio e aos outros, existindo, em geral, resolução dos problemas imediatos da situação e diminuição da probabilidade de problemas futuros.

Segundo Del Prette & Del Prette (1999) além do conteúdo da fala, as habilidades sociais são igualmente relevantes na determinação da habilidade social outros aspectos concomitantes ao falar, dos tipos não verbais (Ex.: postura e contato visual), cognitivo-afetivos (Ex.: autoeficácia e leitura do ambiente), fisiológicos (Ex.: respiração e taxa cardíaca) e aparência pessoal e atratividade física). Embora a construção de um repertório socialmente habilidoso possa ocorrer em interações em contextos naturais sem treinamento formal, como no relacionamento entre pais e filhos, irmãos, colegas de escola, amigos e cônjuges (Gomide, 2003; Pacheco, Teixeira & Gomes, 1999), comumente falhas ocorrem neste processo de aprendizagem, ocasionando déficits relevantes em habilidades sociais. Há evidências crescentes de que déficits nestas habilidades estão correlacionados com fraco desempenho acadêmico, delinquência, abuso de drogas, crises conjugais e desordens emocionais variadas, como transtornos de ansiedade (Del Prette & Del Prette, 2001a, 2002a, 2003b; Marlatt, 1993).

Ainda as habilidades sociais podem ser conceituadas como conjunto de comportamentos emitidos diante das demandas de uma situação interpessoal, desde que maximizem os ganhos e reduzam as perdas para as interações sociais. Ainda que haja a descrição geral de habilidades sociais, populações específicas têm necessidades interpessoais próprias.

Por fim, segundo Del Prette & Del Prette (2005), a infância é um período crítico para a aprendizagem das habilidades sociais e das normas de convivência, as quais ocorrem primeiramente com a família e depois em outros ambientes como vizinhança, pré-escola e escola.

Em 1996 foi publicado o primeiro artigo conceitual relativo ao campo das habilidades sociais por Zilda e Almir Del Prette descortinando um novo capítulo na história da psicologia em nosso país; a psicologia das habilidades sociais.

É no escopo das relações interpessoais que se inserem as habilidades sociais tendo sido evidenciado, reconhecidas vezes, que as interações sociais eficazes, ou seja, que atingem os objetivos pessoais e promovem melhor relacionamento com o outro são as que trazem maior satisfação pessoal e qualidade de vida (Del Prette & Del Prette, 1999). Os estudos sobre este tema buscam justamente prevenir dificuldades relacionais e superar problemas existentes. Assim, o campo das Habilidades Sociais se caracteriza não somente pela investigação e construção teórica, mas também pela perspectiva aplicada a diferentes campos de atuação como a clínica, organizacional, educacional, dentre outras.

O campo de estudo das Habilidades Sociais no Brasil apresenta um histórico que pode ser considerado ainda muito breve. Apesar disso, nos cerca de 40 anos em que vem sendo apresentada no país, sendo destes os últimos sete anos considerados mais significativos, muitos pesquisadores têm se interessado pelo tema e utilizando-o como base para diversos estudos e trabalhos na área, proporcionando assim uma ampla gama de resultados e perspectivas.

Tomando como base a realidade atual, que demonstra cada vez mais a importância de relações sociais saudáveis para superar os desafios de uma sociedade altamente competitiva, o tema Habilidades Sociais adquire uma grande importância.

Desde que foi proposta, na Inglaterra da década de 1960, a área de estudos das Habilidades Sociais vem sendo aprimorada e se reinventando dentro de uma ótica bem particular. Sendo difundida primeiramente em países de língua inglesa, foi inicialmente tratada no Brasil no final da década de 70, mas só foi realmente assumida como uma área de interesse científico após a publicação do artigo “Habilidades Sociais: Uma área em desenvolvimento”, por Del Prette & Del Prette, em 1996 (Bolsoni-Silva et al., 2006). A forma como agimos, frente a essas situações, é considerada pelos autores como tendo uma base genética, mas o que realmente marca o desenvolvimento dessas aptidões são as aprendizagens e os modelos desenvolvidos desde a infância, sendo esse considerado pelos autores como um período crítico para a aprendizagem das habilidades sociais.

Compõem o grupo de habilidades sociais, apesar de não ser algo fixo e acabado, componentes divididos em quatro grupos: comportamentais, cognitivo, afetivos, fisiológicos e outros (Del Prette; Del Prette, 2002). Analisando todos esses componentes, torna-se mais fácil entender a riqueza e a complexidade de conteúdo que devemos considerar ao falarmos sobre habilidades sociais, entendendo que elas nos são repassadas durante toda a vida, através de nossas relações e interações sociais e que nossa qualidade de vida está intimamente ligada ao quanto saudáveis são essas relações e como conseguimos nos expressar enquanto seres sociais.

Segundo Del Prette; Del Prette, (2002), como se trata não só de um conceito teórico, mas também de um método prático, o campo de estudo das HS contempla o Treinamento de Habilidades Sociais (THS), que apresenta programas específicos para o desenvolvimento de estratégias comportamentais com diversos grupos. As principais áreas onde o THS é empregado são a clínica psicológica, como método terapêutico para diversos transtornos como ansiedade, fobia social, timidez e isolamento social; na terapia sistêmica, como tratamento para problemas como agressividade, transtornos de personalidade antissocial e dependência química; na

Psicologia Organizacional e na promoção da melhoria da qualidade de vida de idosos, por exemplo.

Quando falamos em Habilidades Sociais no Brasil, não podemos deixar de mencionar os principais nomes nesse cenário, que são os professores Dr. Almir Del Prette e Dra. Zilda A. P. Del Prette. Considerados os difusores do assunto nacionalmente, vêm demonstrando interesse em reunir e organizar a produção científica nesse campo, seja participando e/ou orientando trabalhos científicos (principalmente frente à Universidade de São Carlos – UFSCar), seja na coordenação do grupo Relações Interpessoais e Habilidades Sociais (RIHS), grande responsável por reunir e divulgar esses estudos.

Atualmente a produção científica nesse cenário pode ser considerada bastante ampla, apesar da curta história apresentada no país, que é de cerca de 20 anos apenas. No primeiro artigo conceitual publicado no Brasil sobre o tema, em 1996, por Zilda e Almir Del Prette, intitulado “Habilidades Sociais: Uma área em desenvolvimento”, falou-se das primeiras pesquisas em outros países além daqueles onde teve origem a teoria (Inglaterra e EUA na década de 30). Foi apenas nessa época que Brasil e América Latina como um todo desenvolveram e divulgaram seus primeiros estudos.

O estudo do campo teórico-prático do THS é importante, segundo Caballo (1997), porque os seres humanos passam a maior parte de seu tempo, engajados em alguma forma de comunicação interpessoal e, ao serem socialmente habilidosos, são capazes de promoverem interações sociais satisfatórias. Esta forma de interagir favorece o aumento de reforçadores e, portanto, pode auxiliar na prevenção e/ou redução de dificuldades psicológicas. Conforme Del Prette & Del Prette (2001), relacionamentos interpessoais sempre foram objeto de interesse e de investigação no estudo de várias abordagens psicológicas, tais como a psicanálise, a gestalt e o behaviorismo. Assim, relações sociais têm sido foco de estudo há bastante tempo, justificando o interesse na descrição destes fenômenos.

Del Prette & Del Prette (1999) esclarecem que as HS incluem a assertividade (expressão apropriada de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos) e também habilidades de comunicação, de resolução de problemas interpessoais, de cooperação, de desempenhos interpessoais nas atividades profissionais, além de expressão de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos. Porém, apesar desta distinção, os termos são comumente utilizados como sinônimos (Del Prette & Del Prette, 1999; Falcone, 1998; Caballo, 1996).

As Influências da Terapia Assistida nas Habilidades Sociais Humanas

A Terapia Assistida por Animais visa auxiliar na melhora do paciente em suas variantes necessidades, desta forma no que foi descrito por teóricos fica claro que este papel é muito bem executado, trazendo ao paciente significativa evolução em seu quadro e de fácil adaptação. O uso de animais em ambientes hospitalares desde o início da história da TAA é vangloriosa com seus benefícios e conforto mental trazido aos pacientes.

Kruger, Trachtenberg, & Serpell, (2004), já relataram o aumento significativo da utilização desta técnica. Fazendo assim, com que se torne importante a incorporação do animal no tratamento de pacientes, mas que isso não se torne apenas uma técnica por onde animais são utilizados em um consultório, mas sim numa tríade terapeuta-paciente-animal como já citado pela teórica Carminati et al. (2013).

Acerca do que foi citado e descrito anteriormente verifica-se que, de forma bem clara e compreensiva a parte teórica da TAA foi apresentada, demonstrando que é de extrema importância à técnica. Seus benefícios metálicos, emocionais, de melhora cognitiva e afetiva, na qualidade de vida dos pacientes em casos clínicos extremos e perturbações, podendo ser uma técnica utilizada de forma multidisciplinar no ambiente hospitalar. Desta maneira a técnica se mostra muito versátil a ser utilizada.

Além disso, compreende-se que as habilidades sociais são um conjunto de ações e comportamentos que vão sendo desenvolvidos ao longo da vida, sendo mantidos pelas consequências dos mesmos. O desdobramento das habilidades sociais em um ser humano o tornam mais competente socialmente, capaz de “articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as demais pessoas”, conforme Del Prette & Del Prette (2005).

As habilidades sociais são organizadas em categorias, e não são necessariamente orais, na realidade as mesmas são atitudes que compreendem todos os sentidos do indivíduo e podem ser expostas em várias situações. As HS podem ser sociais de comunicação, civilidade, assertivas de enfrentamento, empáticas, de trabalho e de expressão de sentimento positivo. A coletânea carente de habilidades sociais estão diretamente vinculadas a dificuldades interpessoais e envolvendo problemas de comportamento.

De acordo com o explicitado mostra-se que o estudo das habilidades sociais ainda é recente em nosso país, porém têm se mostrado de extrema relevância. Através desse estudo

realizou-se o objetivo de analisar e descrever as HS desenvolvidas ao longo da vida. Compreende-se que as mesmas possuem uma imensidão de informações e complexidade de conteúdo, e que são repassadas ao longo da vida, através de nossas relações e interações sociais. Além de deixar claro a importância e ligação de relações saudáveis e capacidade de nos expressar enquanto seres sociais em nossa qualidade de vida e bem-estar.

Desta forma, a relação da TAA como um meio de promoção de HS mostra-se nítido em sua eficácia, onde as técnicas podem ser usadas para a melhora da interação social do paciente, de sua comunicação, desenvolvimento e outras variadas vertentes a partir do caso clínico apresentado. A TAA constitui-se extremamente positiva em todas as faixas etárias, contribuindo para o desenvolvimento e crescimento emocional e cognitivo. Ela quando direcionada a melhora das habilidades sociais em crianças, demonstra inúmeros potenciais benéficos podendo trazer benefícios notórios ao longo da vida do paciente, até depois da idade adulta.

A terapia com animais sendo utilizada para a melhora das habilidades sociais podem ter resultados expressivos em várias situações, como nos relacionamentos interpessoais, comunicação fática, desenvoltura emocional, melhora no enfrentamento em situações de estresse, situações de impactos negativos, além de benefícios físicos entre outros. Podendo ser utilizado em vários ambientes além do consultório fixo (hospitais/casas de recuperação/empresas), este instrumento é de grande valia para o psicólogo, trazendo para o paciente uma experiência nova onde o seu desempenho pode ser acelerado sempre priorizando o bem-estar e a qualidade de vida do paciente.

Com isso podemos afirmar que alcançamos o objetivo do trabalho onde a terapia assistida por animais tem uma estreita relação na promoção das habilidades sociais, conforme foi citado por vários autores, a técnica é bastante abrangente é desta forma consegue com facilidade auxiliar na melhora da HS do paciente. Também foi possível constatar que os benefícios da TAA podem extrapolar o âmbito psicológico, emocional, de desenvolvimento de habilidades sociais, podendo contribuir até mesmo no domínio físico dos pacientes

Considerações Finais

Este trabalho retrata a importância da TAA na promoção das habilidades sociais, fazendo referência ao que é a terapia assistida por animais e suas inúmeras vertentes e aplicabilidades de forma a melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Somando-se a isso retrata-se também a conceituação e importância das habilidades sociais, além de teorias e teóricos dos temas expostos. Demonstrando-se a realização de uma ampla pesquisa sobre ambas vertentes deste trabalho, teorizando de forma pontual para compreensão das análises feitas, reafirmando a relação entre elas e a significância no desenvolvimento e avanço do paciente.

Diante do objetivo desta pesquisa de analisar as influências da terapia assistida por animais na promoção das habilidades sociais, foi possível concluir que esta técnica proporciona um atendimento melhor ao paciente, sendo capaz de beneficiar a qualidade de vida daqueles que se beneficiam com ela, auxiliando o terapeuta na aquisição de progresso com o paciente.

Através do estudo verificou-se que a TAA pode influenciar não apenas na evolução das habilidades sociais, como também trazer benefícios físicos, desenvolvimento de interações sociais e relacionamentos, representação de suportes sociais e de afeto. O tema ainda necessita de inúmeros estudos, e esses poderão ainda trazer respostas mais detalhadas e orientadas acerca da interação de humanos e animais, entretanto não se deve negar a potencialidade benéfica do relacionamento entre ambos e o quanto é vantajoso em inúmeros aspectos.

Foi verificado uma escassez de estudos sobre o assunto da terapia assistida por animais, sendo que sua aplicação também é baixa mesmo em dias atuais, a relação entre ela e as habilidades sociais contém poucas teorias. Assim sendo, outras pesquisas necessitam ser realizadas, com o propósito de propagar a técnica e a relação mútua que a TAA tem com HS.

Referências

- Bevilacqua D.E. Junior (2018), Avaliação cardiovascular, muscular e da mobilidade funcional de adolescentes com síndrome de Down atendidos na Equoterapia e Fisioterapia.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Carrara, K. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: Compatibilidades e dimensões conceitual-metodológicas. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)*, 16(2), 330-350. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n2/v16n2a07.pdf>
- Caballo, V. (1996). O treinamento em habilidades sociais. Em V. E. Caballo (Ed.), *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento* (pp.181-309). São Paulo, SP: Ed. Santos.
- Caballo, V. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo, SP: Ed. Santos.
- Caballo, V. (1996). O treinamento em habilidades sociais. Em V. E. Caballo (Ed.), *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento* (pp.181-309). São Paulo, SP: Ed. Santos.
- Caballo, V. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo, SP: Ed. Santos.
- Carminati GG., Lehotkay R, Martin, F., & Carminati (2013) An Hypothesis about Jung's Collective Unconscious and Animal-assisted Therapy. *NeuroQuantology*.
- Castro D. F. S. (2018). Patas que protegem: a percepção dos profissionais de saúde sobre a Intervenção Assistida por Animais; mestrado em psicologia clínica e da saúde psicologia; <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116820/2/297963.pdf>
- Chandler, C.K. (2011). *Animal-Assisted Therapy in Counseling*. 2ª ed., New York, Routledge, 424 p.

- Cia, F., & Barham, E. J. (2009). Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26, 45-55. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a05v26n1.pdf>
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2003). Habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem: Teoria e pesquisa sob um enfoque multimodal. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Eds.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 167-206). Campinas, SP: Alínea.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia*, 18(41), 517-530. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n41/v18n41a08>
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2006). Habilidades sociais: conceitos e campo teórico-prático. Disponível em http://www.rihs.ufscar.br/pdf/sobre_hs.pdf
- Del Prette, Z., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e Educação*, Petrópolis: Vozes.
- Dotti, J. (2014). *Terapia e animais*. São Paulo: Noética.
- Duquia G. R. & Cleuri P. S. M., *Convivência com Animais de Estimação: Um Estudo Fenomenológico* Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, vol. XXII, núm. 1, julho, 2016, pp. 49-58 Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia, Brasil.
- Falcão, A. P. (2014). *Avaliação da eficácia de uma intervenção em grupo com escolares para a promoção de melhores interações sociais* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP.

- Friedmann, E., Katcher, A. H., Lynch, J. J., & Thomas, S. A. Messent, E. (1983). Animal companions and one-year survival patients after discharge from a coronary care unit, *Public Health Reports*, 95(4), 307—312. Recuperado em 27 janeiro, 2017, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1422527/pdf/pubhealthrep001>
- Gresham, F. M. (2009). Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. In Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Eds.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (pp. 17-66). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ichitani, T., & Cunha, M.C. (2016). Atividade assistida por animais e sensação de dor em crianças e adolescentes hospitalizados. *Revista Dor*, 17(4), 270-273. <https://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20160087>
- Kamioka, h.; Okada, s.; Tsutani, k.; Park, h.; Okuizumi, h.; Handa, s.; Mutoh, y. (2014). Effectiveness of animal-assisted therapy: A systematic review of randomized controlled trials. *Complementary therapies in medicine*, 22(2):371-390. <https://doi.org/10.1016/j.ctim.2013.12.016>
- Kobayashi, C.T, Ushiyama, S. T., Fakh, F. T., Robles, R. A. M., Carneiro, I. A., & Carmagnani, M. I. S.(2009). Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(4), 632-636. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672009000400024>.
- Lima A. S., & Souza M.B., Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. (2018). *revista saude e desenvolvimento*, v. 12, n. 10 2018
- Martínez, J.C.,(2008) Feeding whole cottonseed levels on performance of dairy cows grazing elephant grass. In 2009 ADSA-PSA-AMPA-CSAS-ASAS Joint Annual Meeting, Montreal, 2009. *Journal of Animal Science*.Champrign/IL, EUA : American Society of Animal Science.
- Minayo, M. C. S. (2001) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes

Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: Análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 283-291. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27480.pdf>

Serpell, J. A. (2010). Factors influencing human attitudes to animals and their welfare. *Animal Welfare*, 13(1), 145-151.